

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV LISBOA, ABRIL DE 1920 N.º 91 E 92

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAÍO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE... 570 ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA "REVISTA DE TURISMO"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-G. — LISBOA

OS CONGRESSOS REGIONAES E O TURISMO EM PORTUGAL

ESTAMOS, evidentemente, n'um período de soluções praticas. Assim o demonstra, além d'outras manifestações, o acolhimento que tem sido dispensado á realisação dos congressos regionaes.

Nada ha como saber falar aos espiritos; e a propaganda d'esses congressos tem sido sabiamente orientada.

Verdade é que a oportunidade não podia deixar de ser a melhor para um emprehendimento de tanta monta. O paiz cançado de politica, descrente dos politicos, convencido dos ludibrios em que tem vivido, já pelo desastre da guerra, já por todas as suas consequencias, estava a caminho da maior indiferença, d'essa indiferença que leva os povos e as nações ao mais inglorio dos fins.

Surge, porém, a idéa dos Congressos regionaes, mostrando que esse será o unico meio de cohesão de elementos dispersos para uma completa defeza do torrão natal; esclarecendo que, d'essa grande obra, cada região, tornando-se absolutamente livre do nefasto jugo politico, se constituirá n'um valor proprio, real, que lhe poderá conceder uma independencia relativa; e eis que o sentimento humano se agita, o entusiasmo cresce, a alma vibra, rejubila até na suposição de que, em breve, cada um pode legitimamente orgulhar-se do progresso da sua região, porque ele representa, apenas, o seu proprio esforço, a tenacidade do seu trabalho, o patriotismo do seu pensamento, e que, assim, pode impôr-se — com toda a autoridade que lhe provém da forte união dos seus conterraneos — ás arremetidas dos astuciosos politicos

que queiram quebrar, com a sua perniciosa influencia, esse circulo de ferro simplesmente para defeza do seu *arrangismo*, não olhando, para esse fim, aos meios que lhe possam servir.

○○○○

Disse alguém que a questão da nossa nacionalisação depende mais do sentimento do que d'outra qualquer coisa. Se não applicarmos esse termo em uma restricta acepção, dá certo, visto que por sentimento se traduz, também, a dignidade propria e colectiva que é, talvez, um dos mais valiosos fiadores que se podem encontrar, hoje, nas nossas provincias para o resurgimento nacional pela boa iniciativa dos congressos regionaes. E os provincianos de Portugal mostram-se bem dignos de que os auxiliemos n'essa cruzada; de que sejamos, por assim dizer, os mensageiros da paz entre as populações; de que os incitemos a congregarem-se n'um esforço comum para a sua justa emancipação, na defeza do seu solo patrio, dos seus direitos e das suas prerogativas, do seu patrimonio e das suas legitimas reivindicações, porque d'isso beneficia a nação inteira.

Ahi está, pois, o começo d'essa grandiosa obra: *os congressos regionaes*. São eles que constituirão os alicerces d'essa cinta ferrea em que cada região deve envolver-se para, apenas e simplesmente, trabalhar para si. Só d'esta fôrma, conscienciosa e criteriosamente posta em pratica, poderá cada uma vir a ser o que, *por desleixo proprio*, não é.

E' grandiosa a finalidade d'essa idéa, e de tão vasto alcance que só um

renegado poderá opôr-lhe qualquer barreira.

Ha, porem, que dar-lhe o seu justo valor, que interpretar as intenções, que pezar bem toda esta valiosa obra de reconstrução, para que não haja derivações, para que (e porque não dizer a verdade?) os *pescadores de águas turvas, das águas lodacentas em que se envolve a politica*, não possam, no seu asqueroso papel de oportunistas, empalmar, em seu proveito, proprio e unico, uma das mais nobres intenções para o resurgimento patrio.

○○○○

É indiscutivel o valor dos congressos regionaes. A idéa da sua realisação antecipou-se á pratica que desejavamos levar a feito, em obediencia a um dos numeros do programa da *Revista do Turismo*, como já o dissémos em o nosso numero 83, referido a 5 de Dezembro do ano passado. Isso não obsta, todavia, a que lhes consagremos o nosso melhor concurso. Trata-se do resurgimento patrio — e nada mais é preciso para nos animar.

É, porém, absolutamente necessario, para que essa obra se radique e frutifique; para que ela surta os efeitos que d'ela ha legitimamente a esperar, que se facilite todos os complementos indispensaveis á constituição do seu todo. E o primeiro entre todos é — sem contestação possivel — o *turismo*.

Promover congressos regionaes sob as bases essenciaes da industria do turismo; levando ao conhecimento das populações dormentes, despertando-as por uma propaganda essencialmente sentimental, as vantagens do regionalismo e não as interessar sobre o ponto pratico e capitalissimo da exploração das suas belezas, da sua riqueza — que será todo o seu

território, bem lavrado, bem arborizado, bem conservado nas suas estradas e nos seus caminhos; bem servido por facéis meios d'acesso; bem cuidado na guarda e conservação das suas joias historicas ou artisticas; bem interessante na sua vida original, no progresso da sua industria e no desenvolvimento do commercio proprio; bem estimado no cunho de distinção e de fidalguia com que receba os seus visitantes, proporcionando-lhes comodidades, captivando-os com os seus atractivos, favorecendo-os com os subsidios exigidos por quem viaja por gosto ou por estudo — n'uma palavra: não ensinando como se deve explorar todo esse conjunto pela preciosa **industria do turismo**, que é a mais caudalosa fonte de riqueza, de progresso e de civilização; é fazer uma obra incompleta, mórmente sentimental, simplesmente oportuna. E d'esse grande empreendimento que é a realisação dos congressos regionaes, muito mais ha a esperar do que o despertar momentaneo das populações. No estado psichico em que estas se encontram, torna-se necessario um revulsivo com-

pleto, um estimulante em varias e continuadas applicações para facilitar a metamorfose do organismo.

Por isso, é forçoso que dos congressos regionaes não fique apenas a lembrança; mas que os seus resultados se manifestem por afirmações practicas; e essas não terão realidade se não se juntar a essa propaganda do sentimento, a da razão e a do *interesse*, que só pode assentar nas duas unicas e consistentes bases: — a de que cada região se basta a si propria e a da exploração da **industria do turismo**, como immediato e directo complemento d'aquella.

Por consequencia ha que incluir nos programas dos **congressos regionaes** a propaganda do **turismo em Portugal**, sem o que aqueles ficarão incompletos.

Não se deve, pois, perder esta oportunidade para difundir a idéa da mais proveitosa exploração — **propria a cada região e comum a todo o Paiz** — que é a d'essa portentosa, unica e incomparavel industria, que se chama **O Turismo**.

José LISBOA.

A INFLUENCIA DO CAMBIO NA INDUSTRIA DO TURISMO

ESTAMOS presentemente n'uma situação verdadeiramente penosa sob o ponto de vista cambial; e as possibilidades d'uma proxima melhoria são de molde a enfraquecer qualquer esperança.

Ha quem afirme que a depreciação da nossa moeda, se, pelo lado da importação, nos desequilibra a acção economica para com o estrangeiro, outro tanto não acontece, quanto á exportação.

As nossas industrias e o nosso commercio exportador podem, n'estas circunstancias, ter um largo folego. Ha, porem, uma industria que, aproveitando-se d'essa situação, pode aproveitar mais, ainda, as vantagens consequentes. Essa é a do **turismo**.

A quelque chose malheur est bon.

N'estas circunstancias, essa prometedora industria podia ter um grande desenvolvimento se as nossas condições politicas e se as comodidades que pudéssemos oferecer em alojamento e transportes fossem mais alguma coisa do que o que infelizmente existe.

Emquanto no estrangeiro se proporcionam as maiores facilidades — taes como, em Paris, por exemplo, oito

comboios expressos ligam diariamente esta capital a Marselha, cinco dão facil acesso a Bordes e quatro comunicam rapidamente com Bâle — nós temos ainda, simplesmente, um rapido *tri-semanal* para o Porto; as comunicações alem d'essa cidade, deixam muito a desejar e a ligação com o sul é de tal fórma, que só a necessidade obriga a semelhante viagem.

Alem d'isso, as comunicações com Madrid fazem-se periodicamente n'um comboio lento; havendo apenas um expresso três vezes por semana.

Na Suissa, cujas condições economicas, devido á alta do cambio, teem baixado sensivelmente e a tal ponto que os hoteis se encontram facilmente sem hospedes, trabalha-se, n'este momento, activa e incessantemente, para atrahir os turistas, oferecendo selhes uma hospedagem, pelo menos, equivalente á dos outros paizes, onde os viajantes são tratados com as maiores atenções. Pois em toda a Suissa a elevação do preço de hospedagem não attingiu mais do que 20%, havendo alguns hoteis que teem mantido os preços de antes da guerra.

O contrario dá-se em França. Mercê da baixa do cambio francez, os hoteis de Nice estão, n'este momento, cheios de hospedes, alguns ficados ainda da estação hibernal, que decorreu com uma animação consideravel. A população fluctuante n'essa cidade, composta na sua grande maioria por inglezes e americanos, foi ali atrahida especialmente pela deploravel depreciação da moeda franceza.

Poderemos nós fazer outro tanto? Não seria difficil se, alem d'outras e indispensaveis comodidades, principalmente em hospedagem, desembarque, etc., o serviço de comboios fosse consideravelmente melhorado, não tanto até o ponto dos horarios de antes da guerra, mas, ao menos, com as facilidades compatíveis com as condições actuaes, estabelecendo-se um comboio rapido diario entre Lisboa e Porto, com um simples percurso de 6 horas, melhorando-se o serviço para o Algarve, que hoje é por demais fastidioso para todos. A realisação immediata d'um comboio diurno para o Sul do nosso Paiz impõe-se como uma urgente necessidade.

Entre Lisboa e Madrid é igualmente urgente que circule diariamente um expresso, com uma velocidade compatível com a sua categoria; e, finalmente, que todas as demais facilidades de comunicação sejam oferecidas a quem se queira aproveitar da presente situação para nos visitar.

Seria esta uma esplendida ocasião, que — por certo — perderemos, por tudo nos faltar, inclusivé a propaganda.

Estamos certos de que uma vez o rapido Lisboa-Madrid a circular diariamente, com uma rasoavel e bem orientada propaganda em Hespanha, poder-se-hia trazer a Portugal uma apreciavel quantidade de forasteiros, que despejariam em todo o paiz, o seu ouro precioso. Isso seria uma condição para a melhoria da situação economica.

Do Brazil viria igualmente, n'este momento, um mais avultado numero de viajantes, mercê tambem do cambio, que faz com que a moeda brasileira esteja quasi ao par da nossa.

Se aproveitássemos esta ocasião para conjuntamente com uma intensa propaganda, se iniciar a linha regular de vapores nacionaes para aquella nação, teríamos, sem duvida alguma, uma compensação sufficiente aos esforços que essa iniciativa nos exigisse. Essa seria uma medida de inexcedível alcance economico e financeiro.

O caminho é, pois, de facil empreendimento. Basta que cada um se compenetre de que essa é uma verdadeira economia, cuja exploração é mais do que certa. Cremos bem ser

mais proveitosa e de mais seguros resultados do que a industria bancaria, que está levando a palma á dos seguros, quando estavamos sob todo o pezo da grande guerra.

Era, pois, bom que o egoismo incommensuravel dos actuaes capitalistas portugueses, cuja intelligencia é fértil em brotar ideias de alcance sibilina-mente problematico, atentasse n'essa

sugestão que — bem aproveitada — lhe satisfaria os desejos financeiros (para nós de secundario interesse), proporcionando ao paiz, pela incomparavel industria do turismo, (o que é o principal) uma situação que, por muito que procurem, não se resolverá por outra forma.

Esta é que é verdade — nua e crúa.

GUERRA MAIO

NOTICIAS DIVERSAS

Hotel em Vila do Conde

Por portaria de 19 d'este mez, foi auctorizada a Sociedade Praia de Vila do Conde Limitada, a construir um hotel n'aquela praia, ao abrigo das disposições contidas no decreto n.º 1121 de 28 de novembro de 1914.

Ampliando esta noticia, devemos dizer que a referida Sociedade é de recente constituição, sendo um dos seus principaes fins, o desenvolvimento da industria do turismo n'aquela linda praia de Portugal, tão fértil em atractivos para os viajantes estrangeiros.

Se a exploração d'esses atractivos fór criteriosa e bem ordenada, essa Sociedade prestará ao Paiz um inestimavel serviço e um exemplo a seguir, além de facilitar aos capitaes n'ela empregados um prometedor e compensador futuro.

É, pois, com muita satisfação que registamos esse facto, e o nosso concurso ser-lhe-ha prestado de forma a constituir um incentivo para o progresso da sua patriótica obra.

Hotel Universal do Porto

Somos informados de que este antigo e conceituado hotel, cujos novos proprietarios já deram inicio ás obras para a sua completa transformação, ficará em breve tempo o melhor hotel do Porto, em situação, luz, conforto e primoroso serviço de mesa.

Serão construidos mais 130 quartos, ficando assim com 200 quartos, mobilados modernamente, introduzindo-se, ainda, *chaufage* central, ascensor, etc., o que muito contribuirá para o desenvolvimento da industria hoteleira que tão necessaria se torna atender para a expansão do turismo.

Os novos proprietarios encarregaram o sr. Conrad Wissmann, membro honorario da Sociedade de Propaganda de Portugal, antigo proprietario do Hotel Central de Lisboa e do Hotel da Curia, da gerencia d'este

hotel, na qual será coadjuvado por seus sobrinhos, tambem distinctos hoteleiros do Grande Hotel do Bussaco, Grande Hotel Avenida, em Vila do Conde e do Hotel Universal a que nos referimos.

Um novo hotel em Vila Real de Santo Antonio

Importante industrial algarvio sr. Manuel Ramires, está fazendo construir na Avenida do Caes, em Vila Real de Santo Antonio, que defronta com Ayamonte, um magnifico hotel, que será dotado de todo o conforto moderno.

O edificio, cujo projecto é do architecto Karrodi, de Leiria, está já muito adiantado, devendo ficar concluido dentro de alguns mezes.

D'esta maneira a linda provincia do Algarve fica com dois magnificos hoteis — este e o Grande Hotel de Faro, que se acha em exploração ha já dois annos, e que grande incremento tem proporcionado ao turismo algarvio.

Melhoramentos em Santarem

COMEÇARAM já as medições do terreno destinado á Avenida da Rafôa, que, pela sua situação arejada e lindos pontos de vista, deverá constituir um dos melhores e mais higienicos bairros da cidade. A escritura respectiva deve ser em breve assinada. A camara está já estudando a questão da iluminação a luz eléctrica, distribuição e fornecimento das aguas e canalisação dos exgotos.

Melhoramentos no Funchal

DENTRO em breve devem registarse, na aprazivel capital da Madeira, alguns melhoramentos de utilidade e que muito podem influir na apreciação que a sua já consideravel população fluctuante forma a respeito d'essa cidade.

Entre outras obras já projectadas, diremos que a Praça Marquez de Pombal sofrerá grandes modificações, que tornarão aquele aprazivel local n'um passeio moderno.

Consta tambem que, além dos edificios do Banco Nacional Ultramarino e do antigo Governo Civil á rua João Tavira, todo o predio onde está instalada a casa de bordados «Madeira House» vae ser transformado, seguindo um projecto artistico do architecto Norte Junior, de onde se infere que o Funchal começa a modernisar-se.

Agencias de informação, em Paris, de paizes estrangeiros

A *Revista de Turismo*, no intuito de ser prestavel aos seus leitores, fornece, a seguir, a nota dos *Bureaux de Renseignements*, que varios paizes teem em Paris, e onde se dão informações sobre viagens e venda de bilhetes, e se facilitam todos os elementos que podem servir a quem quiser visitar esses paizes.

Portugal, Rue du Helder, 8
Suissa, Rue Lafayette, 20
Italia, Rue 4 de Septembre, 20
Belgica, Rue Richelieu, 32
Hespanha, Rue Chauchat, 20
Noruega, Rue Scribe, 4
Argentina, Boulevard de la Magdaleine, 4
Estados Unidos, Rue Auber, 4
Marrocos, Rue des Pyramides, 16.

REGISTO

União Velocipedica Portuguesa

Com muitos agradecimentos, registamos a recepção do Boletim oficial da União Velocipedica Portuguesa, que acaba de reaparecer, em distribuição mensal, sensivelmente melhorado no seu interessante contexto.

Essa publicação, sendo exclusivamente destinada á velocipedia, muito pôde, todavia, contribuir para o desenvolvimento do turismo em bicicleta, que entre nós — como de resto succede lá fóra — deve ser considerado como um dos mais apraziveis divertimentoos, principalmente da gente moça e da que não se pôde dar ao luxo de ter um automovel.

Muito brevemente fazemos algumas considerações sobre a velocipedia aplicada ao turismo; mas isso não importa que, desde já, no campo que nos interessa, lhe prestemos todo o concurso e apoio de que esse ramo de desporto carecer.

ARTE E LITERATURA

SONETOS

*Pelas espadas que tu tens no peito,
pelos teus olhos roxos de chorar,
pelo manto que trazes de astros feio,
por esse modo tão lindo de andar;
por essa graça e esse suave geito,
pelo sorriso (que é de sol e luar)
por te ouvir assim sobre o meu leito,
por essa voz, baixinha: «Ha de sarar...»*

*por tantas bênçãos que eu sinto n'alma,
quando chegando vens, assim, tão calma,
pela cinta que trazes, côr dos céus;*

*Adivinhei teu nome: Aparição!
pois consultando, manso, o coração,
sentí dizer em mim: «A mãe de Deus!»*

ANTONIO NOBRE

II

*Quando se ouvir o ultimo gemido
Da minha boca desmaiada e fria,
Vem repetir, de leve, ao meu ouvido,
Aquella jura que fizeste um dia...*

*Que o teu olhar me fite enternecido,
Cheio de amor e cheio de agonia
Quando se ouvir o ultimo gemido
Da minha boca desmaiada e fria.*

*Quero ver-te serena e resignada
Entoando misteriosamente
As orações da ultima jornada!*

*E ao partir, — minha doce companhia!
Desfolha um beijo demoradamente
Na minha boca desmaiada e fria!*

ANTONIO BOTTO

*Contam que em pequenino costumava,
Ao ver-me num cristal reproduzido,
Beijar a própria bôca, em que julgava
Ver a bôca de alguém desconhecido.*

*Cresci. Amei-a. E tão alheio andava,
No sonho por seus olhos promovido,
Que em vez das cartas que ela me enviava,
Eu lia o que trazia no sentido ..*

*Rodou o tempo. Estou doente e velho...
Agora, se me acerco d'um espelho,
Oh meus cabellos, noto que alvejaís...*

*E as cartas dela, se as releio agora,
Só vejo por aquelas linhas fora
Palavras e palavras. Nada mais!*

AUGUSTO GIL

IV

*Não procurem saber quem Ela é,
porque nunca o direi; e se algum dia
encontrarem a minha poesia,
hão de encontrar este misterio ao pé!*

*Nunca o busquem saber; quem sabe até
se eu tambem o não sei, e se essa Via
que para lhe falar eu seguiria
a posso caminhar pelo meu pé?*

*Quem sabe quanto choro eu no que canto;
quem sabe se é uma morta, e se o meu pranto
é que lhe mata a sêde num jazigo?*

*E quem sabe, quem sabe lá, se, enfim,
Ela nunca existiu senão em mim
e tudo o que me diz sou eu que o digo?*

NUNES CLARO



TURISMO

(CARTA A UM APOSTOLO)

Não, meu Amigo. Não mudei de opinião. Não fugi de seu lado. Não desertei o meu posto. Pelo contrario. Mais arraigado cada dia na defesa do patrimonio das nossas possibilidades nacionaes—hoje, melhor do que hontem, o acompanhamento e aplaudo.

Além de tudo—como não fazel-o? O turismo é das diferentes endomoses de ouro a que mais rapidamente se deveria provocar e fruir. Tudo o reclama. Tudo o indica. Desde as condições permanentes do paiz ás condições accidentaes do momento. A guerra não nos roubou, que eu saiba, nem a benignidade do clima, nem a pureza dos horizontes, nem a formosura da paisagem, nem os padrões nacionaes da arte. Tudo isso aqui está, na verdade, intacto e incolume, hoje como sempre. As mesmas belezas cobertas do mesmo pó, a mesma porção de ignorancia cortando as azas á mesma porção de ideal, as mesmas rotineiras indolencias vedando o passo aos mesmos industriosos designios. Nada mudou por conseguinte, na razão e na oportunidade da sua campanha: a não ser talvez as razões que a tornam mais oportuna do que nunca. A necessidade de lançarmos mão de quaesquer meios de correccão da nossa balança de pagamentos. A circumstancia de nenhum outro expediente se afigurar em condições de actuar com a rapidez igual. A facilidade relativa com que, dada a escassez da nossa gente, poderíamos alimentar algumas dezenas de milhares de forasteiros. E pelo que respeita, em terra estranha, as predisposições do momento: a ancia de fugir por alguns mezes aos torvelinhos de cada nacionalizada borrasca; a fidalga hospitalidade garantida pelas meras avarias do cambio; a vertigem que exerce sobre um regime de fome o prestigio de uma mesa farta... Ou por outras, sinteticas, concudentes palavras. O turismo que para nós devia ter sido sempre um *meio util*, hoje é um *fim necessario*. O turismo que entre nós possui sempre

condições *nacionaes* de aproveitamento, hoje podia ter condições *internacionaes* de exito.

Não, meu Amigo.

Não ha fundamento, como vê—para o seu reparo. Aos infieis, Senhor!—aos infieis... E se, rotundo e sonoro, não estampo aqui, desde já, para seu alivio e fortuna, a meritoria solenidade de um ponto final—não é decerto para lhe demonstrar que fervorosamente comungo em seu apostolico zeló. Não se demonstram—axiomas.

O que me retém ainda, conversando a seu lado, é a defeza de um ponto de vista que me parece ter a origem do nosso dissentimento aparente, e no fundo não pode deixar de congregar a minha boa vontade com a sua experiencia.

Que disse eu, com efeito, que assim o agastou e moveu?

A bem dizer, não passei, em via triplíce, d'esta banalidade requentada. Que não tinhamos hoteis. E que não tinhamos juizo...

E não fui eu que conclui. Foi Você mesmo—quando, sem refutar, aliás a essencia do alegado, para mim voltou o seu protesto e a sua magua; que assim não poderia haver turismo... que d'esta sorte toda a propaganda ficaria inutil... e que divulgadas, impiedosamente, essas tres verdades crueis, nem o estrangeiro se abalança a vir a Portugal, nem Portugal se abalança a chamar o estrangeiro... E abrindo os braços, como deante do irremediavel, Você ainda rematava com sibilina ironia, para minha confusão e remorso: *Ahi tem a sua obra!*

Não, meu Amigo.

Admitindo mesmo que de tão pequena causa pudesse surtir um tão avolumado efeito: *essa nunca seria a minha obra*.

E que eu persisto em supór duas coisas assentes.

A primeira é de que só pela verdade, na sua nudez e na sua crueza, se logra abrir caminho que perdure... Para semear, de resto, ha que rasgar a terra. E em politica, como na me-

dicina, antes de aplicar o remedio é preciso que se determine o mal. Rogados e enganosos romanticismos de postigos ouropéis e de convencionalismos sonoros: ai de nós! que não é só no campo do realismo literario que eles forcejam por velar a «nudez forte da verdade»...

A segunda coisa para mim assente é a de que o problema do turismo na sua complexidade não pode ser compativel com a solução simplista de uma publicidade. Nem um postal illustrado me garante a lisura de uma estrada. Nem um anuncio me assegura a flexibilidade de um colchão. Nem um cartaz a côres é para mim penhor bastante de uma sociedade em ordem.

Você, de resto, é certamente o primeiro que concorda. Onde nós dissentimos talvez, é em que para mim o problema do turismo difficilmente pode ser tratado como um capitulo autonomo do problema portuguez. E em lugar de pensarmos desde já na onda de ouro que ha-de vir de fóra para dentro, eu preocupo-me sobre tudo com a onda de senso, de organzação, e de arranjo que tem de ir de dentro para fóra, e deve anteceder aquela como o fluxo precede o refluxo. A' resolução d'esta difficuldade preliminar seguir-se-ha a eclosão do movimento entrevisto. E sem aquela preparação não se poderá nunca firmar esta corrente. Ou n'um outro aspecto do problema. O turismo não pode ser a exclusiva pertença de uma repartição de propaganda. O turismo tem de ser o objectivo de todas as forças da nação.

Dir-me-ha, talvez, Você por ultimo. Que com a teima das minhas delongas sacrificio a urgencia por mim proprio reconhecida para a resolução immediata do problema. Estradas... Hoteis... Quando os haverá, na verdade? E mais ainda. Eu não me contento em afastar para longe o turismo. Afasto-o para sempre. Que outra coisa não é condicionar o seu desenvolvimento entre nós á existencia... do juizo em Portugal! A habilidosa artimanha. A desmascarada reserva! Para Você, certamente, já não resta uma duvida: eu pactuei com o inimigo...

Mas d'esta vez, meu correligionario afanoso...

Não se queixe Você de mim. Queixe-se, se quiser, da natureza das coisas que assim as dispoz na sua derivação e sequencia. E queixe-se sobretudo dos homens, cuja cegueira e maldade geraram a indiferença ou o rancor como razão de ser social... Resuscite, se entender, o passado morto e volte contra ele as suas iras; os negativistas e os demolidores de além-tumulo tem ainda a responder perante a historia por todos os males que nos le-

garam. Fustigue, depois, «essa apagada e vil tristeza» em que se afunda a patria e a raça. As promessas que se não cumprem. As palavras que se não medem. Os odios que se não aquietam. Os egoísmos que se não aquietam. Os delirios que se não aplacam. As coisas imensas que se não fazem... Ah! não lhe faltam—para alvo das suas injurias—os erros e os crimes dos homens: por *fas* e por *nefas*, o desvairo e a preguiça das gentes... Mas por Deus! Não diga que sou

eu que demoro ou que sou eu quem impede a obra necessaria. Quando com tanto amor a desejo! Quando com tanto ardor a defendo!

Não, meu amigo.

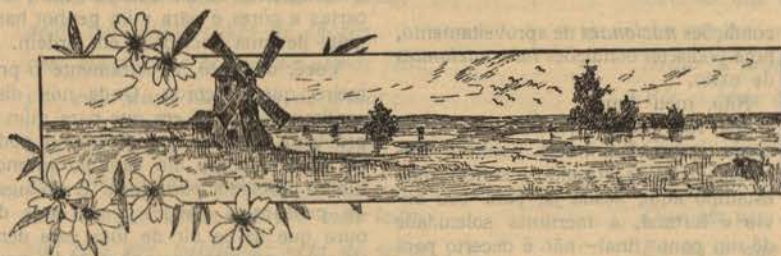
Na senda visionada, ambos queremos que se caminhe—depressa.

A unica diferença que nos separa.

E' a de que Você quiere—que se acabe.

E eu quero—que se comece.

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA



AS NOVAS LINHAS FERREAS DO MINHO E DOURO

Vale do Tamega

Estão muito adiantados os trabalhos do assentamento da via entre Amarante e Gatão (5 kilometros), devendo em breve este troço ser aberto ao serviço publico. Alem de Gatão acham-se já promptas as terreflanagens até ao kilometro 6.420, proseguindo-se na conclusão d'esse trabalho até Chapa (8^h,700) e depois até Cadeçoso (13^h,520).

Segundo as melhores previsões, toda a linha, cujo termo é em Freixieiro, (Celorico de Basto), deve estar concluida dentro de dois anos. A sua extensão total é de 35 kilometros, desde a Livração, ponto de entroncamento com a linha do Douro.

Vale do Corgo

PROSEGUEM tambem os trabalhos de conclusão d'essa linha, na parte do Tamega a Chaves, pela margem direita d'aquelle rio. Está-se agora concluindo a ponte de alvenaria sobre o Tamega, procedendo-se em seguida á construção do apeadeiro que fica situado após aquella ponte.

Essa instalação, de que ha tempos publicámos o respectivo projecto, é em estilo tradicionalmente portuguez.

Devido á falta de trabalhadores e á dificuldade em adjudicar os respectivos trabalhos, a conclusão d'essa obra levará ainda algum tempo; todavia, a

direcção do Minho e Douro está esperançada em fazer o prolongamento d'essa linha a Chaves dentro d'um curto praso, o que é bem para desejar, visto a importancia da região, de baixo de todos os aspectos.

Vale do Sabôr

DEVIDO á falta de carris, não tem sido possivel assentar a via na parte que, já desde 1916, tem as terreflanagens feitas, ou seja entre Carniças a Bruçô (24 kilometros). Espera-se, porem, obter-se agora esse material, para que este troço seja aberto á exploração dentro de pouco tempo, o que será um importante beneficio para esta região, que é bastante fértil em belezas.

Uma vez, pois esta parte aberta ao serviço publico, proseguir-se-ha na construção do troço seguinte, de Bruçô a Urrós (30 kilometros), no planalto mirandez, devendo depois assentar-se se a linha seguirá a Miranda, ou directamente a Vimioso, resolução que dependerá de estudos oportunos.

Assim se está procedendo sobre a construção da rede complementar de caminhos de ferro; sendo para lastimar que devido ás condições do momento e a outros factores não menos consideraveis, esse importante assumpto não possa ter o desenvolvimento que era para desejar.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALLERIA DE GEOLOGIA, Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLÓGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; crianças gratias.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. -ifidE cio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando ás segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU TIFOLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTETTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGÓGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S JOÃO BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada meaz, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.



CARTA DA BELGICA

Bruxelas, Fevereiro de 1920

COMO é sabido, o eminente cardeal Mercier, arcebispo de Malines, que durante a grande guerra foi positivamente um grande heroe — pelo que o seu sempre illustre nome se acerrou d'uma inconfundível aureola — logo que terminaram as hostilidades, fez uma visita aos Estados Unidos da America do Norte.

Essa viagem, cujo fim principal ainda não foi declaradamente reconhecido, mas que — sem duvida — deve ter trazido importantes beneficios para este nobre paiz, quer moraes, quer espirituaes, revestiu-se d'um acontecimento de vulto — e outra coisa não havia a esperar.

Depois da sua curta estada no novo mundo, o cardeal Mercier regressou á sua patria bem amada, certamente mais feliz, por vêr bem consagrada toda a sua vantajada e imorredoura obra de humanidade, de abnegação, de consciencioso sacrificio que o impoz á consideração do mundo inteiro.

Após a sua chegada, essa figura de destaque mundial recebeu o convite do sr. Georges Leroy, vice-presidente do Touring Club da Belgica, para, no Boletim do mesmo Club, descrever as impressões da sua viagem, ao que o cardeal respondeu com a interessante carta publicada no referido boletim e que, com a devida venia, nos permitimos a liberdade de para aqui transcrever, porque ella, só de per si, é um documento curioso, historico e interessante para todo o Mundo.

«Novo-Ano — 1920.

Caro Director

«Vós sois d'uma grande tenacidade. Isto, porem, no meu pensamento, não significa um reparo. E' antes o cumprimento que vos envio com um ligeiro movimento de humôr.

«Quando uma vez me precurastes, para que eu colaborasse no vosso Boletim, disse-vos que não podia conceber a idea de que um padre, cuja vida era simplesmente limitada ás suas

funções espirituaes, pudesse ter qualquer coisa de interessante para dizer a turistas...; mas, se um dia fizesse alguma viagem, então, não me esqueceria do vosso pedido.

«Considero, pois, chegada a ocasião de cumprir a minha promessa, avivada pelo vosso tenaz empenho da minha colaboração depois da viagem que fiz, annunciada em todos os jornaes do universo.

«— Que dizer-vos sobre a America que vós não sabeis todos — leitores do Touring Club — por tel-a visitado, ou por ler as suas descripções no Boletim?

«— Que poderei contar-vos, depois de dois mezes de constante movimento, mais do que simples impressões cinematograficas?!

«Emfim — seja. — Farei, pois, um relato resumido.

«Logo que desembarquei em New-York, um reporter correu a indagar do meu pensamento sobre o Novo Mundo.

«— Oh! deixae-me, ao menos, senhor, o tempo de respirar — lhe respondi.

«— Que vindes observar? — insistiu o jornalista.

«— Tudo — lhe respondi.

«— Impossivel — retorquiu ele.

«— E' preciso escolher, fixar-vos n'um ponto. O que vos interessará mais particularmente?

«— Vós mesmo, o vosso povo — lhe respondi, e prosegui. — Mais tarde vos contarei as minhas impressões, quando puder basear-as sobre o que vi e ouvi».

«Depois de ter visto, ouvido e sentido, abri o coração e falei aos habitantes de New-York, de Providence e de outros logares, tornados em meus concidadãos e disse-lhes o que ainda hoje sinto satisfação em repetir. Os americanos teem a alma espontanea. Eles são sinceros. Eles não comprehendem que a palavra tenha sido dada ao homem para fantasiar o seu pensamento; e assim falam claramente, dizem o que sentem e fazem o que pensam. A sua espontaneidade torna-os muito atrahentes. Ninguem é re-

belde aos encantos da infancia, porque essa quadra se representa na maior candura da vida. Pois é essa candura que se encontra na bondade americana. Amei esse povo e amo-o ainda. Atrahiu-me de tal forma que estou, ainda, sobre todo o encanto d'essa atracção. — E como esquecer essa lembrança, se eu vivi na intimidade da alma d'esse bom povo, que m'a confluou com a singeleza do seu adoravel temperamento, que não permite impressões aparentes?!

«Enganados andam os que imaginam que no «paiz do dolar» toda a actividade e toda a energia se consagram simplesmente á industria, ás vastas e numerosas empresas cujo emprehendimento tem por finalidade a a constituição de poderosas fortunas!

«Falaz illusão.

«Na maioria das cidades que visitei, as camaras de comercio, os clubes de homens das finanças e dos grandes industriaes foram os primeiros — o que não me admirou — a convidar-me para as suas recepções. Com bastante satisfação assisti a algumas d'essas festas, sentando-me á sua mesa, onde os convivas se contavam por centenas; constatando, com intenso regosijo espiritual, que ao fim do repasto — ao *toast-master*, ao interpretar-se os sentimentos d'essas assembleias, os discursos eram interrompidos por um momento de profunda concentração, para a ascensão da alma ao poder eterno.

«A imolação da Belgica, a defeza do seu direito, a beleza da acção praticada pelo Rei Alberto, salvaguardando nas dunas da West-Flandre a sua soberania; a resistencia heroica do nosso povo martyr, formavam o thema preferido pelos oradores, n'essas memoraveis festas que, com inegualavel gentileza, me foram oferecidas.

«E quando, na minha resposta, eu me occupava do mesmo assumpto, e falava do Direito sobre a Força brutal, da grandeza d'Aquele que se mostrou senhor dos acontecimentos e o Todo-Poderoso conductor dos Povos, a alma religiosa dos meus auditores unia-se á minha n'um admiravel concerto de acatamento e de beatificação.

«Nas estações do caminho de ferro, nos salões de recepção e, até mesmo nas praças publicas, os crentes se aproximavam de mim para receberem a benção. Os empregados ferroviarios e os policias serviam d'intermediarios á multidão para nos passarem medallhas, escapularios, emfim, de toda a sorte de lembranças religiosas.

«Nunca, nunca vi um protestante ou um incredulo sorrir ou fazer o mais leve movimento de desdem em pre-

sença d'essas expontaneas manifestações da mais pura fé christã.

«A America mostra-se como é: sem fanfarronadas, como sem falsa vergonha. Quando alguém não é crente ou não segue os preceitos da religião, não deixa, por isso, de respeitar os sentimentos religiosos dos outros. Praticando a sinceridade, respeita a dos outros.

«N'esse vasto Paiz não se poderá conceber que a Religião fosse menos considerada do que a Arte, a Sciencia e a Humanidade. E' assim que eles respeitam as intenções pessoas e que comprehendem a Liberdade.

«Por toda a parte fui verdadeiramente perseguido por milhares de fotografos. Sucedeu-me, até, n'uma casa particular, eu ser surprehendido justamente no momento em que saboreava um copo d'agua!

«Aproveito este capitulo para dizer que em todos os banquetes publicos e, muitas vezes, nas reuniões intimas para que fui convidado, os liquidos servidos eram simplesmente aguas limpidas ou gazozas, em belos cristaes brilhantes.

«Referindo, ainda, a outro caso, vou salientar a utilização da fotografia.

«N'uma reunião em Washington, dada em minha honra pelo arcebispo de Baltimore, o cardeal de Gibbons, unico sobrevivente dos bispos que, em 1870, tomaram parte no celebre Con-

cilio do Vaticano e que é o mais popular dos cidadãos americanos, fui surprehendido, ao levantar-me para pronunciar o meu discurso, por uma «equipe» de operadores cinematograficos, filmando os diversos aspectos da sala. Ao meu reparo de surpresa, respondeu o cardeal de Gibbons, «que era esse um complemento indispensavel para que o povo visse a nossa obra. Amanhã, toda a grande America apreciará como o episcopado catholico trabalha e assim o seu concurso não nos falta, porque somos bons obreiros».

«Eis aqui, uma primeira impressão geral dos Estados Unidos. Vi o Atlantico. Não cheguei ao Pacifico. Se um dia fôr em avião a Far-West, dar-lhe-hei as minhas impressões. Conte com isso».

E assim terminou o cardeal Mercier a sua apreciação turistica n'essa carta que foi estampada nas columnas do *Boletim do Touring-Club da Belgica* e que tem sido intensamente saboreada por este bom povo que ao eminentissimo prelado, ao celebre e heroico Bispo de Malines, tributa o maior preito da sua mais respeitosa admiração.

Como este tem sido o caso de maior interesse, por isso a ele me refiro tão largamente, como obediencia ou, por melhor, impellido pelo ambiente dominante.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Tendo terminado, com o nosso anterior n.º 84, um periodo de assignatura, lembramos aos assignantes da **REVISTA DE TURISMO** o serviço que prestaríamos á mesma Revista, satisfazendo, logo que lhe fosse apresentado o competente recibo, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70) ou enviando-nos essa importancia em vale do correio, se estiverem ausentes na ocasião da cobrança.

Procedendo d'esta forma, os assignantes da **REVISTA DE TURISMO** praticam um acto de patriotismo, pois evitando á mesma Revista novas despesas beneficiam a sua manutenção, que é merecedora de todo o auxilio, por ser a unica publicação que, no genero, se faz em Portugal.

Composto e impresso no «Centro Tipographico Colonial»
Largo da Abegoaria, 27 Lisboa

J. C.

Centro Tipographico Colonial

DE

AGOSTINHO & VILLAS, L.^{DA}

27, LARGO D'ABEGOARIA, 28

LISBOA

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realiado 4.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones (DIRECÇÃO ... 159
CONTABILIDADE 3070)

LISBOA (Portugal)